

Cultura nômade

Parece até um jogo de gato e rato. Não raras as vezes, uma família que é obrigada a sair de um terreno público, migra imediatamente para outro. É o caso de Valdemar de Jesus, 42 anos. Nos seis anos que está em Brasília, ele já rodou bastante.

Natural da Bahia, chegou a Brasília na esperança de conseguir um emprego. O tempo foi passando, as economias acabaram e ele dormiu a primeira vez na rua, embaixo de uma árvore, no Setor P Sul, em Ceilândia. O próximo endereço foi uma invasão atrás do Park Way. Mais uma vez, a marcação da Sudesa o fez migrar. Desta vez, para a Vila Feliz, no Guará. Hoje, ele vive com a companheira Fabiana Ramos Almeida, 21, na invasão do Grêmio, também no Guará.

Em quase todas as invasões flutuantes o que mais preocupa é a quantidade de crianças. Na invasão do Grêmio, por exemplo, — uma das maiores, entre as itinerantes no DF — existem quase 50 famílias. Em cada um dos barracos erguidos no meio do lixo, há pelo menos uma criança. A falta de infra-estrutura leva muitas a ficarem doentes. Para tomar banho, lavar roupa e beber é utilizada a mesma água, geralmente levada em tambores pelos mais velhos na comunidade.

"Meu filho já pegou uma infecção no estômago e teve de ir parar no hospital. O médico disse para não deixá-lo no lixo e dar água tratada, mas, infelizmente, não posso sair daqui", disse a catadora de materiais recicláveis Maria Betânia da Silva, 21 anos.

■ Plano Piloto

De acordo com o major Gouveia, da Sudesa, a maioria das pequenas invasões concentra-se no Plano Piloto, justamente onde o poder aquisitivo dos moradores é maior. "É uma característica desse tipo de invasão. As pessoas querem ficar onde acreditam que vão conseguir mais dinheiro", ressalta Gouveia.

Porém, o número de invasões itinerantes situadas nas outras cidades do DF também é considerável. Em Taguatinga Sul, atrás da estação da linha do metrô, 13 edificações improvisadas de lonas e madeiras roubam a cena de quem passa pela pista que dá acesso a Águas Claras. Os moradores já perderam a conta de quantas vezes tiveram seus barracos derrubados, mas sempre voltam. "Eles tiram e nós voltamos", admite Geralda Apolônio, 37 anos.

A questão sanitária é outro agravante. No barraco onde Geralda vive com os oito filhos e o marido, a higiene pessoal é feita, muitas vezes, com a água que sobra da lavagem das roupas. As necessidades fisiológicas são colocadas em sacos e jogadas em um matagal. A presença de ratos e moscas também é constante. "Já nos acostumamos a viver assim", admitiu Geralda.

■ Estilo

O sociólogo da Universidade de Brasília (UnB), Brasilmar Ferreira Nunes, afirma que essas pessoas desenvolveram um estilo peculiar de vida. Segundo ele, normalmente os habitantes dessas invasões têm características nômades.

"Eles têm uma facilidade de migração muito grande. Além disso, o desenho de Brasília, com muitos espaços vagos e áreas verdes, facilita a locomoção e instalação em outros lugares. Essas pessoas desenvolveram uma espécie de cultura nômade. Não se trata de um fenômeno brasileiro e, sim, brasileiro", ressalta o professor da UnB.